

Práticas de enfermagem de promoção à amamentação exclusiva na perspectiva da gestante na atenção primária

Nursing practices to promote exclusive breastfeeding from the perspective of pregnant women in primary care

Prácticas de enfermería para promover la lactancia materna exclusiva desde la perspectiva de la embarazada en atención primaria

Maria Simone de Sá Magalhães¹, Marcela Milrea Araújo Barros¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar as práticas de enfermagem de promoção à amamentação exclusiva às crianças de zero a seis meses na perspectiva da gestante durante o pré-natal na atenção primária à saúde em uma unidade básica no Norte do Brasil. **Métodos:** Desenvolveu-se uma pesquisa investigatório-descritiva, qualitativa. **Resultados:** Participaram do estudo 29 gestantes no terceiro trimestre de gestação. A partir da análise de conteúdo, emergiram duas categorias temáticas: “Orientações da Enfermagem sobre a importância do aleitamento materno” e “Ações da Enfermagem durante o pré-natal relacionadas à amamentação nos primeiros seis meses de vida”. Um expressivo número das mulheres realizou consultas de pré-natal em quantidade menor que o preconizado para o último trimestre gestacional, recebendo poucas orientações pelo enfermeiro relacionadas a amamentação além da relação com a sobrecarga de trabalho do profissional. **Conclusão:** Na atenção primária, estratégias dinâmicas que estimulem essa prática, colaboram para a maior segurança materna, minimiza a busca de informações no espaço virtual, sem evidências científicas, com benefícios diretos ao binômio mãe e filho e conseqüente minimização da morbimortalidade infantil.

Palavras-chave: Promoção de saúde, Amamentação exclusiva, Pré-natal, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To analyze nursing practices to promote exclusive breastfeeding for children aged zero to six months from the perspective of pregnant women during prenatal care in primary health care in a basic unit in Northern Brazil. **Methods:** An investigative-descriptive, qualitative research was carried out. **Results:** Twenty-nine pregnant women in the third trimester of pregnancy participated in the study. From the content analysis, two thematic categories emerged: “Nursing guidelines on the importance of breastfeeding” and “Nursing actions during prenatal care related to breastfeeding in the first six months of life”. An expressive number of women performed prenatal consultations in a smaller amount than recommended for the last gestational trimester, receiving little guidance from the nurse related to breastfeeding in addition to the relationship with the professional's work overload. **Conclusion:** In primary care, dynamic strategies that encourage this practice contribute to greater maternal safety, minimize the search in virtual space, without scientific evidence, with direct benefits to the mother and child and consequent minimization of infant morbidity and mortality.

Keywords: Health promotion, Exclusive breastfeeding, Prenatal care, Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Analizar las prácticas de enfermería para promover la lactancia materna exclusiva para niños de cero a seis meses en la perspectiva de mujeres embarazadas durante la atención prenatal en la atención

¹ União das Escolas Superiores de Rondônia (UNIRON), Porto Velho - RO.

primaria de salud en una unidad básica en el norte de Brasil. **Métodos:** Se realizó una investigación cualitativa de tipo investigativo-descriptivo. **Resultados:** Participaron del estudio 29 gestantes en el tercer trimestre del embarazo. Del análisis de contenido surgieron dos categorías temáticas: “Orientaciones de enfermería sobre la importancia de la lactancia materna” y “Acciones de enfermería durante el prenatal relacionadas con la lactancia materna en los primeros seis meses de vida”. Un número expresivo de mujeres realizó consultas de prenatal en menor cantidad que la recomendada para el último trimestre de gestación, recibiendo poca orientación de la enfermera relacionada con la lactancia materna además de la relación con la sobrecarga de trabajo del profesional. **Conclusión:** En la atención primaria, las estrategias dinámicas que incentivan esta práctica contribuyen a una mayor seguridad materna, minimizan la búsqueda de información en el espacio virtual, sin evidencia científica, con beneficios directos para la madre y el niño y consecuente minimización de la morbimortalidad infantil.

Palabras clave: Promoción de la salud, Lactancia materna exclusiva, Atención prenatal, Enfermería.

INTRODUÇÃO

O leite materno é um alimento nutricionalmente completo para a correta alimentação infantil pois, oferece todos os nutrientes fundamentais para proteger o recém-nascido contra infecções (BRASIL, 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), preconizam a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida e sua continuidade complementar até os 2 anos de idade ou mais. Porém, em um levantamento global do Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas em 2016 que avaliou 194 países, 40% das crianças menores de seis meses eram amamentadas exclusivamente no mundo e no Brasil, 39% das mães amamentavam seus filhos exclusivamente até os seis meses de vida (UNICEF, 2017).

No ano 2020, houve um aumento desse índice para 45,7% (BRASIL, 2020). De acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) ainda é preciso aumentar essas taxas para alcançar a meta de 50% de amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida (até 2025) de forma que essa medida possa salvar a vida de mais de 820 mil crianças menores de cinco anos de idade (OMS, 2017).

O desmame precoce contribui para a vulnerabilidade e consequente mortalidade infantil, além das várias complicações decorrentes do desmame (FEITOSA MEB, et al., 2020). Há uma preocupação com as dificuldades em alcançar índices significativos de amamentação exclusiva no Brasil, visto que, uma pesquisa nacional apontou um índice de 59% de desmame precoce (BRASIL, 2020), dados semelhantes aos índices mundiais (OMS, 2018).

A realização do estudo justifica-se pela relevância das discussões relacionadas às ações de promoção da saúde pelas equipes de saúde e especialmente do enfermeiro (a) às futuras mães quanto aos benefícios da amamentação para si e para a criança, para a família e para a sociedade conforme preconizado pelo Ministério da Saúde (MS) (BRASIL, 2021). Tal preocupação mundial é também nacional, quando índices de mortalidade infantil demandam atenção, em especial das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Políticas públicas voltadas para diminuir esses índices devem ser implementadas por meio da qualificação do atendimento ao recém-nascido e a criança nas Redes de Atenção à Saúde (RAS) das referidas regiões brasileiras. Para tanto, as unidades de saúde devem criar estratégias de planejamento e monitoramento que se adéquem a realidade local e que contribuam para o aumento das taxas de aleitamento materno exclusivo (REYES JCL, et al., 2018).

O estudo se propõe a colaborar com a produção de conhecimento científico a partir de um olhar específico às gestantes, gerando subsídios para mudanças de práticas do enfermeiro no âmbito da atenção primária à saúde que reflitam na promoção à saúde da criança. Torna-se relevante ainda, na perspectiva de que esses profissionais estejam sensíveis a essa temática que impulsionem o processo de transformações no cuidado específico as mães em sem período gestacional, possibilitando estimular orientações que as conduzam à uma perspectiva mais holística no que tange a importância da amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida do seu filho.

Nesta perspectiva, a questão norteadora que conduziu este estudo foi: quais as práticas da enfermagem oferecidas à mulher durante o pré-natal que possibilitem uma futura amamentação exclusiva às crianças de 0 a 6 meses? Assim, este estudo apresenta como objetivo analisar as práticas de enfermagem de promoção à amamentação exclusiva às crianças de 0 a seis meses na perspectiva da gestante durante o pré-natal na Atenção Primária à Saúde (APS) em uma unidade básica de saúde na região Norte do Brasil.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória de abordagem qualitativa. O cenário selecionado para realização do estudo foi a Unidade Básica de Saúde (UBS) com modelo de Estratégia da Saúde da Família (ESF) em um município localizado na região Norte do Brasil.

A pesquisa de abordagem qualitativa, busca explorar uma temática já existe, todavia, sem buscar obter resultados específicos, mas sim analisar e refletir sobre os conceitos apresentados a partir de uma questão problema. A pesquisa qualitativa preocupa-se em responder questões particulares, subjetivas porém, de forma não quantificável (MINAYO MCS, 2014).

Foram considerados como critérios de inclusão, mulheres gestantes (nos três últimos meses de gestação), que estivessem em acompanhamento pelo enfermeiro(a), na UBS, cadastradas na ESF, realizando pré-natal e que estivessem presentes e disponíveis no dia da coleta de dados, que aceitaram a participar da pesquisa de forma voluntária mediante assinatura do Termo de Esclarecimento Livre Esclarecido (TCLE). Foram excluídas as gestantes no primeiro e segundo trimestre de gestação, sob acompanhamento médico no pré-natal. A amostra foi do tipo não probabilística, intencional, por conveniência, das quais compreenderam 29 gestantes participantes.

Após a autorização pelo Núcleo Gestor de Educação Permanente da Secretaria Municipal de Saúde municipal, bem como, a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), foram agendados horários para realizar a pesquisa e aplicação do instrumento para coleta de dados, que compreendeu em uma entrevista com roteiro semiestruturado, previamente elaborado pelas pesquisadoras contendo 3 questões, utilizando um aparelho digital para gravação das falas.

As entrevistas foram realizadas de maneira individual com duração média de dez a quinze minutos. Foram realizadas na sala de reuniões da unidade, em ambiente reservado para a garantia do sigilo e privacidade da participante do estudo, sem interferência da continuidade da assistência conforme recomenda a Resolução 580/18 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. As gestantes foram convidadas enquanto aguardavam atendimento na unidade de saúde, com a garantia do uso de máscaras entre entrevistado e entrevistador, conforme as precauções de segurança relacionadas à pandemia covid-19 (BRASIL, 2018).

Após, realizou-se a escuta das falas gravadas em áudio, transcrição na íntegra, buscando analisar o conteúdo observando a emergência das categorias temáticas que foram descritas posteriormente. A análise de dados foi realizada com base na análise de conteúdo do tipo categorial ou temática, executada a partir de uma análise empírica ou teórica.

A análise de conteúdo concretiza-se na execução em três momentos dos quais, a pré-análise, em que o pesquisador organiza todo o material coletado, selecionando dados que possibilitem o desvelamento de informações relevantes para a pesquisa. O próximo passo refere-se a exploração desse material a partir da codificação e decodificação. O último momento é o tratamento dos resultados com a sua respectiva interpretação em paralelo confronto com outros estudos correlacionados (MINAYO MCS, 2014).

Para o desenvolvimento desta pesquisa as exigências éticas envolvendo seres humanos foram respeitadas, conforme preconizado pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em pesquisa (CEP) União Educacional do Norte (UNINORTE) e aprovado com o consubstanciado nº 5.159.868 e CAAE de 53625321.7.0000.8028 no dia 10 de dezembro de 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 29 gestantes, 17 encontravam-se em idade gestacional de 36 à 40 semanas. Quanto à idade das participantes, há uma variável entre 26 a 35 anos. Em relação à escolaridade, 79% delas já possuíam ensino fundamental ou mais. Quanto ao número de filhos, 76% das mulheres possuíam 2 filhos ou mais; quanto a número de consultas realizadas, 11 delas realizaram entre 1 a 3 consultas. Sobre a renda mensal, 41% das gestantes convivem com uma renda mensal menor que 1 salário mínimo e 48% não têm atividade profissional e são “do lar” (Tabela 1).

Tabela 1 – Caracterização das gestantes participantes do estudo, município da região Norte do Brasil, 2022.

Variável	Número
Faixa etária	
Menor de 17 anos	1
18 à 19 anos	0
20 à 25 anos	9
26 à 35 anos	14
36 à 45 anos	5
Acima de 46 anos	0
Semana de gestação	
27 à 30 semanas	4
31 à 35 semanas	8
36 à 40 semanas	17
Número de Filhos	
1 filho	7
2 filhos	10
3 filhos	9
4 filhos	1
Mais de 4 filhos	2
Número de consultas realizadas de pré-natal	
De 1 à 3 consultas	11
De 4 à 6 consultas	9
7 consultas ou mais	9
Escolaridade	
Ensino Superior	2
Ensino Médio Completo	16
Ensino Médio Incompleto	2
Ensino Fundamental completo	3
Ensino Fundamental Incompleto	5
Não Alfabetizada	1
Renda Média mensal	
Menos de 1 salário mínimo	12
1 salário mínimo	5
Entre 1 a 2 salários mínimos	8
Acima de 2 salários mínimos	4
Profissão das gestantes	
Autônoma	7
Manicure	4
Contadora	1
Atendente	1
Do lar	14
Professora	1
Gestora de Recursos Humanos	1

Fonte: Magalhães MSS e Barros MMA, 2022.

Sobre a percepção das gestantes sobre as informações recebidas durante o pré-natal, pode-se constatar que 59% das mulheres afirmaram que não receberam informações suficientes do(a) enfermeiro(a) sobre a importância e os benefícios do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida da criança e 68% não consideram que as orientações repassadas no seu pré-natal foram satisfatórias para amamentar de forma adequada.

Para melhor compreender os resultados adquiridos após a análise das narrativas, emergiram dois grupos temáticos: “Orientações da Enfermagem sobre a importância do aleitamento materno” e “Ações da Enfermagem durante o pré-natal relacionadas à amamentação nos primeiros seis meses de vida”.

Orientações da enfermagem sobre o aleitamento materno

As evidências científicas correlatam a importância da amamentação nos primeiros seis meses de vida, devido à diversos fatores benéficos tanto para o bebê como à mãe. Logo, a enfermagem, no que lhe cabe, deve orientar a mãe, em especial durante o pré-natal sobre as propriedades do leite materno, a pega correta, entre outras dúvidas que podem surgir no processo assistencial (SILVA VM, et al., 2020).

Silva RS, et al. (2017) explicam que, o incentivo por parte da enfermagem fundamenta-se no desenvolvimento saudável da criança, prevenindo-a do acometimento de doenças e consentindo maior vínculo entre mãe e bebê.

Quando as mães foram questionadas sobre as informações recebidas pelo (a) enfermeiro (a) sobre a importância e os benefícios do aleitamento materno exclusivo nos primeiros 6 meses de vida da criança, 17 delas responderam que estas não eram suficientes e 12 disseram que sim, eram suficientes. Importante salientar que a maioria das gestantes ainda encontravam-se nas primeiras consultas de pré-natal mesmo estando no último trimestre de gestação:

“Não recebi as informações do enfermeiro até o momento, é minha segunda consulta. Nas gestações anteriores, já dei mamadeira desde os primeiros dias” (Gestante 6).

“Estou com 6 meses de gestação e ainda na primeira consulta. Moro em área rural e não tinha condições de vir” (Gestante 29).

As narrativas permitem compreender que uma assistência de enfermagem qualificada no pré-natal pode ser fragilizada pela baixa quantidade de consultas. As mulheres que faltam as consultas ao pré-natal, perdem a oportunidade de receber orientações importantes com benefícios ao binômio mãe e bebê. Gaiva MAM, et al. (2017) apontam em seu estudo que as gestantes com menor número de consultas, apresentaram menor adequação de orientações sobre o parto e amamentação.

Em consonância, Ribeiro S, et al. (2019) afirmam que a assiduidade das mulheres nas consultas do pré-natal é fundamental para o sucesso da amamentação exclusiva. Ressalta-se que a Política de Humanização do Parto e Nascimento (PHPN), preconiza o mínimo seis consultas de pré-natal para que o mesmo seja considerado qualificado (BRASIL, 2012). A assistência pré-natal que se inicia de forma precoce e com número adequado de consultas realizadas, com orientações alusivas à amamentação, traz influências positivas sobre a constância do aleitamento materno, sobretudo o aleitamento materno exclusivo. A educação em saúde no pré-natal é reafirmada por Silva DD, et al. (2018) como um importante fator protetor para o aleitamento materno.

Outro aspecto que pode fragilizar a qualidade da assistência e conseqüentemente levar ao desmame precoce, é a sobrecarga de trabalho do enfermeiro na unidade de saúde e a grande demanda de gestantes nas consultas, dificultando assim que o mesmo disponha de tempo para orientar de maneira humanizada e atenciosa. Esta, pode ser uma barreira para que essas mães tenham consciência da necessidade de amamentar seus filhos com leite materno de forma exclusiva nos primeiros seis meses de vida (GAÍVA MAM, et al. 2017).

A fala da gestante a seguir, aponta que durante a sua primeira gestação, recebeu informações e nesse sentido, consegue compreender que a amamentação é importante por trazer benefícios fisiológicos para a nutriz:

“Como é minha segunda gestação, as informações que tive na primeira gestação me ajudaram um pouco. Foi explicado na consulta que a amamentação é importante para o desenvolvimento do bebê para o útero voltar o tamanho normal” (Gestante 4).

Como explica Buratto RR, (2018), ao amamentar, é liberada a ocitocina para a promoção da contração uterina, reduzindo o tamanho do útero, liberando a placenta, diminuindo o sangramento pós-parto, causando atraso da menstruação e consequente prevenção às anemias. Explicar todos esses processos às gestantes, colaboram para que estas se sintam informadas, seguras e cientes do que ocorre com seu corpo e dos benefícios associados a amamentação.

No relato das gestantes, foi identificado a sensação de medo em não ter leite suficiente:

“Tenho receio por nunca ter muito leite, e tenho medo de ser insuficiente”

(Gestante 4).

“Tenho medo de não ter leite suficiente, pairando algumas dúvidas” (Gestante 16).

No estudo de Ayoama EA, et al. (2020), esta também foi uma dúvida comum entre as mulheres. Muitas mães temem que o leite não seja suficiente, porém, toda mãe produz leite suficiente para as demandas de seus filhos, entretanto, a descida do leite pode ser retardada após o nascimento do bebê. O leite materno tem uma aparência aguada nos primeiros minutos da ordenha ou ainda quando colostro, o que leva a diversas mães acharem que seu leite é fraco, incapaz de atender as demandas alimentares da criança, fazendo com que as mães interrompam a amamentação exclusiva de forma precoce (BEZERRA MJ, et al., 2017).

Outros sentimentos de medo foram relacionados a desinformação sobre o ato de amamentar como a posição, pega correta ou intercorrências no ato de amamentar.

“Não foi falado nada sobre posição e pega correta. Tenho dúvidas e preciso de informações” (Gestante 11).

“Sim, ele explicou sobre pega correta. Não tenho dúvidas, mas tenho medo de rachar os seios, apesar de ele me explicar sobre como amamentar” (Gestante 12).

No estudo realizado por Rocha GP, et al. (2018), as principais dificuldades referidas pelas mulheres dizem respeito as técnicas de amamentação, a pega inadequada. Informações insuficientes ou inadequadas estão entre os principais fatores que impedem a amamentação exclusiva. Já no estudo de Silva DD, et al. (2018), as gestantes também apresentaram respostas negativas quanto ao entendimento de determinadas informações durante o pré-natal, principalmente aqueles referentes ao manejo da amamentação, demonstrando assim que, as instruções fornecidas pela enfermagem no pré-natal são fundamentais para consolidação a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses, devendo-se investir cada vez mais nas abordagens demonstrativas sobre as técnicas adequadas de amamentação e intervenções educativas, a fim de reduzir o risco do desenvolvimento de fissuras e outros traumas no mamilo que facilitem o desmame precoce (OLIVEIRA FS, et al., 2020).

Em complemento, as narrativas das gestantes revelam que àquelas que não receberam orientações devidas sobre a amamentação exclusiva, têm diversas dúvidas sobre os benefícios e a necessidade da mesma. Desta forma, as mulheres sentiram necessidade de realizar pesquisas na internet quanto as orientações sobre o manejo correto e outras dúvidas que surgiram no decorrer da gestação:

“Considero que falta muitas informações, principalmente para mães que não tem acesso à internet e a formas de pesquisar. Tenho muitas dúvidas sobre os benefícios do aleitamento materno exclusivo” (Gestante 5).

“Procuo me informar na internet sobre as dúvidas que ainda tenho” (Gestante 22).

“Tenho dúvidas e sempre procuro pesquisar em outros meios como a internet” (Gestante 10).

Cada vez mais mães recorrem a internet e as redes sociais para saber como amamentar corretamente e para se informar sobre possíveis complicações da amamentação incorreta, bem como sobre os benefícios

para mãe e o bebê, o que corrobora com Gonçalves TBO, et al. (2021) que afirmam em seu estudo que frente a tantas incertezas e inseguranças, grande parte das mães, a internet é uma estratégia comum para a busca de informações.

Como a internet assumiu o papel de fonte preferencial e espontânea de acesso à informação, muitas mães brasileiras vêm utilizando essa fonte para pesquisas sobre o aleitamento materno, incluindo a criação de grupos virtuais de apoio à amamentação como espaço de educação em saúde (DALMASO MS e BONAMIGO AW, 2019). Todavia, estudos ainda consideram que não se pode recomendar a internet como uma fonte eficaz de apoio à amamentação, devido a inexistência de estudos com boa amostragem e rigor metodológico, apesar de abundantes estudos na área terem sido elencados, mesmo porque esses grupos virtuais precisam ter a presença de profissionais de saúde para que assim, tenham maior credibilidade e cientificidade (BARRA DCC, et al., 2017).

Já possuir filhos e a conseqüente experiência em amamentar foi revelado como facilitador para a manutenção da amamentação exclusiva:

“Foram poucas as orientações que tive, mas como tive outras gestações, já tenho experiência. Não foi falado sobre como amamentar, posições e pega correta” (Gestante 10).

“Aprendi na gestação e pré-natal anterior. Não tive problemas com a pega” (Gestante 22).

As mulheres que já tiveram filhos se mostram mais confiantes, pois já receberam informações e têm experiência anterior, porém, experimentam diferentes sentimentos no decorrer da gestação, os quais podem interferir no processo de amamentação exclusiva. Nesse contexto, os profissionais de saúde, especialmente o enfermeiro (a), possuem papel fundamental para transformar essa realidade, sendo incumbência dos mesmos fornecer orientações durante o pré-natal, tanto no aspecto emocional quanto em informações práticas, sobre como amamentar, pega correta, fazendo com que as futuras mães venham desenvolver autoconfiança e sintam-se capazes de amamentar, aprendendo como superar dificuldades e consigam amamentar seus bebês no pós-parto de forma eficaz (SILVA DD, et al., 2018).

Como evidência complementar, estudo de Giordani RCF, et al. (2018) relacionam à prática de amamentação exclusiva nos seis primeiros meses de vida em mães que receberam mais informações e tiveram experiências anteriores.

Ações da enfermagem durante o pré-natal relacionadas à amamentação nos primeiros seis meses de vida

As gestantes, ao serem questionadas sobre os métodos ou ações implementadas pelo (a) enfermeiro (a) durante o pré-natal relacionadas à amamentação nos primeiros seis meses de vida, 19 delas afirmaram não receber informações sobre amamentação por meio de dinâmicas em grupos:

“Não participei de atividades de grupo, dinâmicas ou rodas de conversa sobre amamentação” (Gestante 4).

O estudo de Song GEH (2021), traz resultados semelhantes, ao evidenciar que grande parte das mulheres afirmam não ter recebido nenhuma orientação sobre a amamentação em participação de grupos de gestantes. A formação de um grupo de gestante é fundamental para sanar as dúvidas e promover a autonomia das mesmas durante todo processo de amamentação (RIBEIRO S, et al., 2019).

As dinâmicas de grupo são ações estratégicas para aumentar o vínculo entre a gestante e o enfermeiro, o que impacta na assimilação das orientações e no aumento de mães que amamentam exclusivamente seus filhos (SOUZA KM, et al., 2021).

Segundo Queiroz MVO, et al. (2017), as dinâmicas de grupo com gestantes no durante o pré-natal são ações estratégicas que favorece a aproximação do profissional com as mães, pois, são proporcionados momentos de ação-reflexão, troca de experiências entre as participantes, sob a supervisão

do (a) enfermeiro (a). Além disso, pode-se aplicar nesses grupos estratégias de aprendizagem que despertam o interesse da mãe para amamentar e cuidar de si e do bebê. Das gestantes participantes, 07 afirmaram que receberam informações sobre amamentação na gestação anterior em outros espaços como por exemplo na maternidade, com outras mães, banco de leite humano ou no pós-parto e não no período do pré-natal atual:

“Conversa com outras mães, não teve grupos, dinâmicas ou rodas de conversa” (Gestante 5).

“Conversa em consultas, gestações anteriores e palestras no banco de leite. Nesse pré-natal não teve grupos, dinâmicas ou rodas de conversa” (Gestante 27).

O estudo de Song GEH (2021), traz resultados semelhantes, mostra que as orientações mais recebidas relacionadas a amamentação e sua importância foram dadas na maternidade, sendo mais voltadas ao posicionamento e pega correta. A amamentação é colocada em prática no pós parto, e o ideal é que se coloque em ação o que foi visto na teoria, durante o pré-natal. No entanto, estudos evidenciam que o pré-natal é considerado como o período mais apropriado para o desenvolvimento de ações educativas e orientações direcionadas ao aleitamento materno exclusivo e a efetividade desta prática. É nesse período que as mulheres podem decidir amamentar seu filho após o parto (SILVA DD, et al., 2018).

Portanto, o(a) enfermeiro(a) atuante na APS, em especial, assume o papel fundamental na prática do aleitamento materno exclusivo, uma vez que é responsável por conduzir o pré-natal, orientar as gestantes sobre o processo de gestação e as mudanças que ocorrem no corpo da mulher. Além disso, trata-se do profissional que tem maior vínculo com a gestante, e deve criar um plano de apoio emocional às gestantes, o que estabelece uma relação de confiança, tira as dúvidas da mesma e a ajuda a superar possíveis dificuldades que venham a aparecer. Nesse contexto, a gestante confia nas orientações recebidas pelo enfermeiro e isso favorece a aceitação das orientações sobre aleitamento materno amamentação exclusivo e sua prática (BARBOSA DFR e REIS RP, 2020).

CONCLUSÃO

Ao analisar as práticas de enfermagem de promoção à amamentação exclusiva às crianças de zero a seis meses na perspectiva da gestante durante o pré-natal em uma unidade básica de saúde, observou-se fragilidades no processo assistencial da atenção primária à saúde relacionados ao número mínimo de consultas de pré-natal e a sobrecarga do trabalho do enfermeiro que acaba por priorizar outras ações de assistência neste período, fragilizando assim, a qualidade das orientações sobre a importância da amamentação exclusiva. Na atenção primária, estratégias dinâmicas que estimulem essa prática, colaboram para a maior segurança materna, minimiza a busca de informações no espaço virtual sem fundamentação científica, com benefícios diretos ao binômio mãe e filho e conseqüente minimização da morbimortalidade infantil.

REFERÊNCIAS

1. AYOAMA EA, et al. A importância do aleitamento materno nos seis primeiros meses de vida do recém-nascido. ReBIS- Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, 2020; 2 (2): 60-65.
2. BARBOSA DRF, REIS RP. O enfermeiro no incentivo ao aleitamento materno. Revista Eletrônica Estácio Recife, 2020; 6(1):1-10.
3. BARRA DCC, et al. Métodos para desenvolvimento de aplicativos móveis em saúde: revisão integrativa da literatura. Texto Contexto Enferm; 2017, 26(4):1-1.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa inédita revela que índices de amamentação cresceram no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47311-pesquisa-inedita-revela-que-indices-de-amamentacao-cresceram-no-brasil>. Acessado em: 12 de setembro de 2021.
5. BRASIL. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acessado em: 10 de Junho de 2021.
6. BRASIL. Resolução CNS nº 580, de 22 de março de 2018. Prevê resolução complementar tratando das especificidades éticas das pesquisas de interesse estratégico para o SUS. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso580.pdf>. Acessado em: 10 de Junho de 2021.

7. BURATTO RR. Amamentação: conhecimento das puérperas sobre os benefícios. Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Enfermagem da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2018.
8. DALMASO MS, BONAMIGO AW. A pesquisa on-line sobre amamentação: entre o senso comum e a OMS na era digital. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação E Inovação Em Saúde*; 2019, 13(4): 324-326.
9. FEITOSA MEB, et al. Breastfeeding: causes and consequences of early weaning. *Research, Society and Development*, 2020; 9(7): e856975071.
10. GAÍVA MAM, et al. Percepção das mulheres sobre pré-natal e parto. *Esc Anna Nery*; 2017, 21(4): e20170018.
11. GIORDANI RCF, et al. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. *Ciencia & Saude Coletiva*; 2018, 23(8): 2731-2729.
12. GONÇALVES TBO. Gestação de primíparas: superando dificuldades e barreiras. *Enfermagem da Escola de Ciências Sociais e da Saúde na Pontifícia Universidade Católica de Goiás*. Goiânia, 2021.
13. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Porto Velho. Taxa de mortalidade infantil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/porto-velho/pesquisa/39/30279?tipo=ranking>. Acessado em: 10 de agosto de 2021.
14. MINAYO MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
15. OLIVEIRA FS, et al. A eficácia da educação em saúde na prevenção do trauma mamilar na amamentação: revisão sistemática. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 2020; 20(2): 333-345.
16. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). OMS quer elevar as taxas de amamentação no mundo até 2025. Disponível em: <https://www.primeiros1000dias.com.br/oms-quer-elevar-taxas-amamentacao>. Acesso em: 12 de agosto de 2021.
17. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Quadro de pontuação global de amamentação, 2018: permitindo que as mulheres amamentem por meio de melhores políticas e programas. 2018. Disponível em: <https://www.who.int/nutrition/publications/infantfeeding/global-bf-scorecard-2018.pdf?ua=1>. Acessado em: 12 de agosto de 2021.
18. QUEIROZ MVO, et al. Grupo de gestantes adolescentes: contribuições para o cuidado no pré-natal. *Rev Gaúcha Enferm*. 2017; 37(esp): e2016-0029.
19. RAMOS AE, et al. Conhecimento sobre aleitamento materno e alimentação complementar dos profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2018; 71(6): 3129-3136.
20. REYES JCL, et al. Mortalidade neonatal e fatores associados em recém-nascidos internados em uma unidade de assistência neonatal. *Arch Argent Pediat.*, 2018; 116(1): 42-48.
21. RIBEIRO S, et al. "Bom gestar": implementação de um grupo para gestantes. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 2019; 7(2): 263-269.
22. SILVA DD, et al. Promoção do aleitamento materno no pré-natal: discurso das gestantes e dos profissionais de saúde. *REME. Rev Min Enferm*. 2018, 22: e-1103.
23. SILVA VM, TONON TCA. Nurse's performance in the breastfeeding process. *Research, Society and Development*, 2020; 9(10): e7819109158.
24. SONG GEH. Orientações recebidas pelas gestantes sobre amamentação durante o pré-natal e sua repercussão no puerpério imediato. *Universidade Federal de Santa Catarina*, 2020.
25. SOUZA NM. A importância da educação em saúde para adesão do aleitamento materno exclusivo no município de São Luís na Unidade Básica de Saúde Dr. Antônio Carlos Sousa Reis Cidade Olímpica I. *Universidade Federal do Ceará*, 2018.
26. SOUZA DR, et al. Aleitamento materno e os motivos do desmame precoce no município de Porto Velho/RO. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*; 2019, Sup.31: e1087.
27. SOUZA KM, et al. A assistência pré-natal dentro do programa de saúde da família: uma revisão integrativa sobre o papel do profissional de enfermagem. *Revista Científica Interdisciplinar*; 2021, 3 (6): 234-237.
28. FUNDO DE EMERGÊNCIA INTERNACIONAL DAS NAÇÕES UNIDAS (UNICEF). Bebês e mães em todo o mundo são vítimas da falta de investimento no aleitamento materno. 2017. Disponível em: <https://www.unicef.org/angola/comunicados-de-imprensa/bebes-e-maes-todo-o-mundo-sao-vitimas-da-falta-de-investimento-no#:~:text=O%20Quadro%20de%20Resultados%20Mundiais,acima%20de%2060%20por%20cento>. Acessado em: 10 de abril de 2022.